GRAMADO 79

Fato inédito nos festivais do cinema brasileiro, um documentário de longa metragem, *Raoni* — sobre a luta de um grupo de índios mekronoti para preservar suas terras da invasão do homem branco — não só participou como concorrente, entre filmes de ficção, mas foi o grande vencedor do VII Festival de Gramado, realizado de 22 a 27 de janeiro último.

O segundo filme mais premiado do certame, *Os Mucker* — melhor direção — também se destaca pelo forte caráter documental: reconstitui um fato histórico verídico (o massacre de uma seita religiosa no Rio Grande do Sul, no século passado), foi filmado nos mesmos locais dos acontecimentos, utiliza atores não profissionais da região e apresenta uma estrutura narrativa desdramatizada e anti-espetacular.

Além de escolhido o melhor filme, *Raoni*, co-produção franco-brasileira dirigida por Luiz Carlos Saldanha e Jean Pierre Dutilleux, recebeu os prêmios de melhor fotografia (Luiz Carlos Saldanha), melhor trilha musical (Egberto Gismonti) e melhor montagem (Vera Freire). *Os Mucker*, realizado por Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, ficou ainda com os prêmios de melhor atriz

(Marlise Saueressig) e melhor cenografia (Dorlay Schuwacher).

Os outros três concorrentes na categoria de longa-metragem foram *A Volta do Filho Pródigo,* de Ipojuca Pontes — que deu a Helber Rangel o prêmio de melhor ator e a Dilma Lóes o de melhor atriz coadjuvante — *Diário da Província,* de Roberto Palmari (prêmio de melhor ator coadjuvante para Gianfrancesco Guarnieri) e *Inquietações de uma Mulher Casada,* de Alberto Salvá.

O júri — formado por P. F. Gastal, presidente da Comissão Coordenadora do Festival; Hélio Nascimento, representante da Prefeitura Municipal de Gramado; Joaquim Paulo Amorim, diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do RS; Jaime Giacomoni, representante do Secretário Estadual de Turismo; Maurício Arcoverde, representante da Funarte; Pola Vartuck, crítica de *O Estado de São Paulo;* Jairo Arco e Flexa, crítico da revista *Veja;* Tiaraju Brockstedt, jornalista de *Zero Hora;* Gilberto Emílio Casa, representante da Caixa Econômica Estadual; Walter Lima Jr., diretor; Itala Nandi, atriz; e Sidney Alencastro Guimarães, representante da Casa Masson — resolveu premiar dois curtas-metragens, ao invés de um: *Associação dos Moradores de Guararapes,* de Sérgio Péo, e *Litoral,* de Ruy Solberg. Em contrapartida, não foi atribuído, este ano, o prêmio de melhor roteiro. Um outro júri escolheu, como melhor curta-metragem gaúcho, *Porto Alegre, Adeus,* de Antônio Jesus Pfeil.

Luiz Carlos Saldanha: Melhor Filme e Melhor Fotografia (Raoni)

Todos os ganhadores receberam o troféu *Kikito* e os seguintes prêmios em dinheiro, oferecidos pela Embrafilme: Melhor Filme, Cr$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros); Melhor Diretor, Cr$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros); Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Fotografia, Melhor Trilha Musical, Melhor Cenografia, Melhor Diretor de Curta-Metragem e Melhor Montagem, Cr$ . . . 20.000,00 (vinte mil cruzeiros) cada; Melhor Ator Coadjuvante e Melhor Atriz Coadjuvante, Cr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) cada. O prêmio ao melhor curta-metragem gaúcho, no valor de Cr$ . . . 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), foi oferecido pela Assembléia Legislativa do Estado, como contribuição para o desenvolvimento do cinema no Rio Grande do Sul.

Marlise Saueressig: Melhor Atriz, por Os Mucker.

O III Festival de Filme Super-8, realizado paralelamente, apresentou como resultado: 1º lugar — *Paulicéia,* documentário de Flávio del Carlo (prêmio de Cr$ . . . 15.000,00); 2º lugar — *Foi Pena Q . . .,* animação dos irmãos Wagner (prêmio de Cr$ 10.000,00); 3º lugar — *Veneta,* animação de Flávio del Carlo (prêmio de Cr$ . . . 5.000,00); 4º lugar — *Até Quando?,* ficção de Manuk Poladian; 5º lugar — *Lembranças,* experimental de Luís Lustig.

GRAMADO 79

SEGUNDA CARTA

Debates sobre os filmes apresentados na noite anterior, exibição, em sessões especiais, de filmes interditados pela Censura, reuniões de diretores e produtores, palestras e divulgação de documentos marcaram as atividades paralelas do VII Festival de Gramado.

Os debates — longos, intensos e sempre muito concorridos — eram realizados, toda manhã, no Salão de Convenções do Hotel Serra Azul, sob a coordenação do crítico e jornalista Ivo Egon Stigger, do *Correio do Povo,* e do escritor e professor (pioneiro da crítica cinematográfica mineira, nos anos 20 e 30) Guilhermino César.

Diretores e produtores divulgaram a Segunda Carta de Gramado, assinada por Eduardo Escorel, César Mêmolo Jr., Roberto Palmari, Alberto Salvá, José Escateja, Nei Sroulevich, Sílvio Back, Antônio Jesus Pfeil, Luiz Carlos Saldanha, Jeremias Moreira Filho, Alpheu Ney Godinho, Antônio Carlos Textor, Ipojuca Pontes, Roland Henze e Pedro Carlos Rovai. A carta tem o seguinte texto:

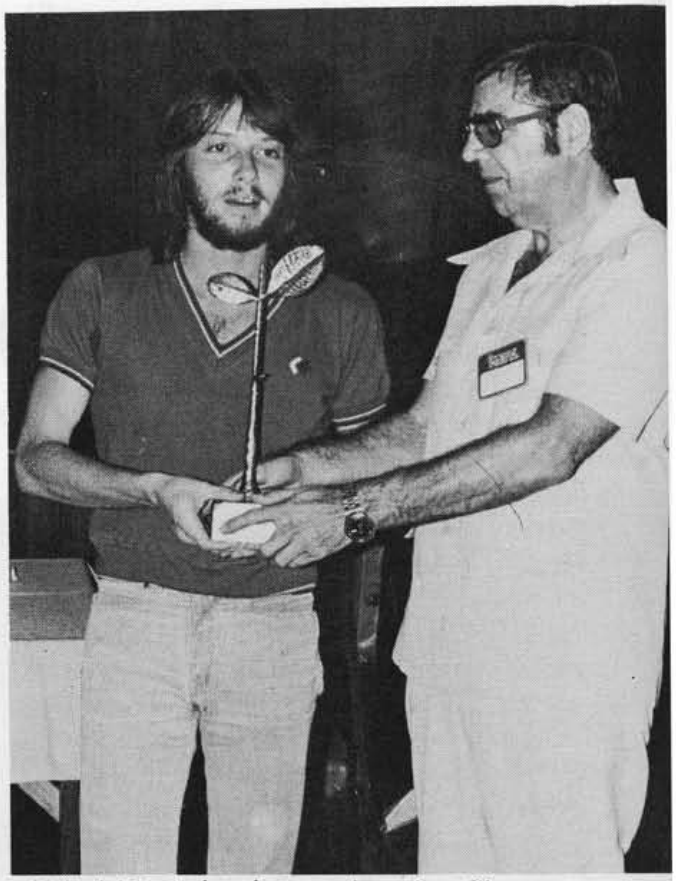
"Os realizadores e produtores de cinema, reunidos por ocasião do VII Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, no momento em que se renova a alta administração do País, vêm reafirmar certos princípios que consideram fundamentais para o melhor desenvolvimento da atividade cinematográfica no Brasil:

1. Defesa da plena liberdade de informação e expressão, com a liberação das obras até hoje interditadas ou mutiladas, sem as quais não existem condições mínimas para o exercício de nossa profissão.

2. Manutenção do critério de aproveitamento de pessoas credenciadas da classe cinematográfica para os cargos de direção da Embrafilme e do Concine.

3. Compromisso de honrar na gestão da Embrafilme e do Concine a aspiração democrática da sociedade brasileira através de um programa discutido e aprovado pelas entidades representativas da classe cinematográfica.

Gramado, 27 de janeiro de 1979"



Flávio del Carlo (esq.): autor do melhor filme em Super-8, o documentário Paulicéia.

Um outro documento, intitulado *Carta de Abertura,* com cerca de 400 assinaturas, reivindicava do Governo anterior "a pronta liberação de todas as obras fechadas no campo cultural, em todo o País".

PROGRAMA

Dia por dia, foi este o programa completo do VII Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, incluindo os acontecimentos sociais e as sessões especiais de filmes:

Dia 22, segunda-feira

21h — Inauguração do Festival, no Cine Embaixador.
Curta-metragem gaúcho: *Primeira Seqüência/Cena Um,* de Antônio Carlos Textor.

Curta-metragem: *Cinema Brasileiro 77*, de Marcos Farias, em duas partes, *Sufoco* e *Euforia*.

Longa-metragem: *Inquietações de uma Mulher Casada* (ex-*Briga de Foice*), de Alberto Salvá.

24h – Coquetel de abertura, no Hotel Serra Azul.

Dia 23, terça-feira

10h – Debate sobre os filmes apresentados na noite anterior.

15h – Programa I do Festival de Super-8.

16h – Palestra de Abraão Berman sobre as condições técnicas do Super-8 no Brasil.

17h – Programa II do Festival de Super-8.

21h – Curta-metragem gaúcho: *Bento, Farrapo, Farroupilha*, de Rubens Bender.

Curta-metragem: *Litoral*, de Ruy Solberg.

Longa-metragem: *Raoni*, de Jean Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha.

Dia 24, quarta-feira

10h – Debate sobre os filmes apresentados na noite anterior.

12h – Exibição de *25*, de Celso Lucas e José Celso Martinez Corrêa.

14h – Churrasco no CTG Manotaço.

17h – Palestra do maestro Rogério Duprat, sobre música e cinema.

21h – Curta-metragem gaúcho: *Bonito, Bonito Mesmo É . . .*, de Antônio Oliveira.

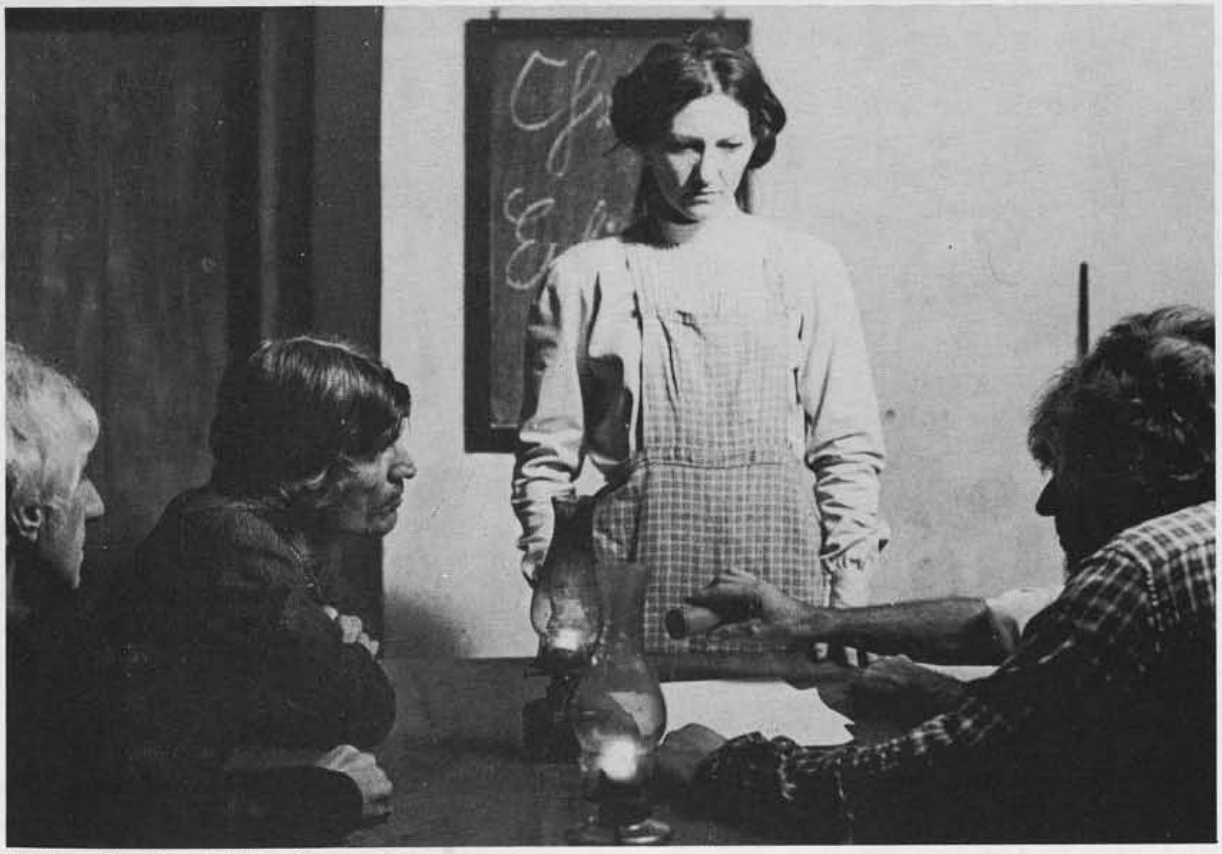
Curta-metragem: *Associação dos Moradores de Guararapes*, de Sérgio Péo.

Longa-metragem: *Diário da Província*, de Roberto Palmari.

Dia 25, quinta-feira

10h – Debate sobre os filmes apresentados na noite anterior.

12h – Exibição de *Prata Palomares*, de André Faria.



Melhor Direção e Melhor Cenografia:
Os Mucker, *de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer.*

GRAMADO 79

16h – Programa III do Festival de Super-8.

16h – Debate: *Oficina, Teatro, Cinema,* com Itala Nandi, José Celso Martinez Corrêa, Celso Lucas e André Faria.

21h – Curta-metragem gaúcho: *Porto Alegre, Adeus,* de Antônio Jesus Pfeil.

Curta-metragem: *Os Sertões,* de Rubens Rodrigues.

Longa-metragem: *A Volta do Filho Pródigo,* de Ipojuca Pontes.

24h – Show-desfile da Casa Masson, no Hotel Serrano.

Dia 26, sexta-feira

10h – Debate sobre os filmes apresentados na noite anterior.

17h – Palestra de Maurício de Souza sobre o cinema de animação.

17h – Exibição de *Contos Eróticos,* de Roberto Santos, Roberto Palmari, Eduardo Escorel e Joaquim Pedro de Andrade.

21h – Curta-metragem: *Paralelas,* de Sérgio Santos.

Longa-metragem: *Os Mucker,* de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer.

Dia 27, sábado

10h – Debate sobre os filmes apresentados na noite anterior.

11h – Exibição do curta-metragem *A Importância do Chicletes Para a Cultura,* de Ricardo Bandeira.

12h – Exibição do curta-metragem *Só o Amor Não Basta,* de Dilma Lóes.

Exibição de *Iracema,* de Jorge Bodanzky e Orlando Senna.

Helber Rangel: Melhor Ator, por A Volta do Filho Pródigo.

16h – Palestra de Ivo Strassburger sobre as limitações técnicas da bitola Super-8.

17h – Encerramento do Festival de Super-8, com entrega dos prêmios.

21h – Curta-metragem convidado: *Doutor Dyonélio,* de Ivan Cardoso.

Longa-metragem convidado: *As Filhas do Fogo,* de Walter Hugo Khouri.

Entrega dos prêmios, no Cine Embaixador.

24h – Festa de encerramento, na Sociedade Recreio Gramadense.

SUPER-8

Realizado pela terceira vez consecutiva, o Festival de Filme Super-8 de Gramado – promoção da Funarte, da Comissão Coordenadora do Festival e da Agacine

(Associação Gaúcha de Cinematografia) — registrou este ano o total recorde de 55 filmes inscritos, provenientes de Belém, Fortaleza, Recife, Aracaju, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Brasília e Porto Alegre.

Uma comissão especial selecionou previamente 25 concorrentes, mas um deles *(Epílogo)*, de Claudinê Pereira Camargo, São Paulo, foi desclassificado porque já havia sido premiado no Festival de Curitiba, sendo apresentado *hors concours*, e outro *(O Crime Azul*, de Zuleica Porto, Brasília) sofreu interdição da Censura. Os 23 restantes, sobre os quais deliberou o júri de premiação, foram distribuídos em três programas, de acordo com a impropriedade:

Programa I
(Impropriedade: 18 anos)
Brabeza, de José Umberto e Robinson Roberto (BA), ficção, 20 minutos;
Ora Bolas, de Hélio Lemos Jr. (RJ), ficção, 20,5 minutos;
Superoito, de Fernando Vernieri Brasil e João Pedro Griebler (RS), experimental, 5 minutos;
God Jokes — A Arte de Abdul Mati Klarwein, de Adelino dos Santos Abreu e Helena Cunha Bueno (SP), experimental, 5 minutos.

Programa II
(Impropriedade: 14 anos)
João Carnaval, de Francisco Mário Simões dos Santos (RJ), ficção, 11 minutos;
Nada a Declarar, de Moysés Baumstein (SP), experimental, 4 minutos;
Liquidação Total, de José Alencar de Castro (RJ), ficção, 9 minutos;
Auto-Retrato, de Raymond Chauvin (RS), experimental, 3,5 minutos;
Lembranças, de Luis Lustig (SP), experimental, 5 minutos;

O organizador do Festival, P.F. Gastal, e o conferencista Ivo Strassburger.

GRAMADO 79

Pinote, de Jorge Nascimento (BA), animação, 3 minutos;

Epílogo, de Claudinê Pereira Camargo (SP), documentário, 6,5 minutos, 1º Prêmio do último Festival de Curitiba (exibição *hors concours).*

Programa III
(Impropriedade: 10 anos)

Vidafilme, de Nelson Nadotti (RS), ficção, 20 minutos;

Melhor Filme de Enredo, de Isay Weinfeld e Márcio Kogan (SP), experimental, 1 minuto e 15 segundos;

Paulicéia, de Flávio del Carlo (SP), documentário, 18 minutos;

Anti-Arte, de Cristina Cintra de Moraes (SP), experimental, 1 minuto;

Até Quando?, de Manuk Poladian (SP), ficção, 8,5 minutos;

A Grande Vitória do Vilão, de Bertrand Dias Kolecza (RS), ficção,7 minutos;

Concretinagem, de Nabih Mitaini e Helena da Cunha Bueno (SP), animação, 3,5 minutos;

Irmão José da Cruz, a Esperança de uma Tribo, de Jussara Gruber, Ari Pedro Oro e Gilberto Perin (RS), documentário, 20 minutos;

Gênesis, de Walter Budini (RJ), experimental, 8 minutos;

Veneta, de Flávio del Carlo (SP), animação, 12 minutos;

O Boi de Teodoro, de George Diab (DF), documentário, 10 minutos;

Foi Pena Q . . ., dos irmãos Wagner, animação, 5,5 minutos.

Debates no Salão de Convenções do Hotel Serra Azul.

PRESENÇAS

Estiveram presentes, este ano, ao Festival de Gramado (sem contar a numerosa delegação gaúcha): atores e atrizes Ângela Leal, Denise Bandeira, Ruth de Souza, Selma Egrei, Paulo César Pereio, Tamara Taxman, Paula Ribeiro, Paulo Porto, Rodrigo Santiago, Ítala Nandi, Helber Rangel, Vera Fischer, José Lewgoy, Gianfrancesco Guarnieri, Toni Ferreira, Perry Sales, Tereza Rachel, Marlene, Marina Montini, Dilma Lóes, Maria Rosa, Carlos Kroeber, Armando Bogus; diretores Eduardo Escorel, Luiz Carlos Saldanha, Alberto Salvá, Roberto Palmari, José Celso Martinez Corrêa, André Faria, Ipojuca Pontes, Walter Lima Jr., Jorge Bodanzky, Wolf Gauer, Celso Lucas, Sílvio Back, Sérgio Péo; produtores César Mêmolo Jr., Nei Sroulevich, Pedro Carlos Rovai, Pierre Louis Saguez; fotógrafo Roland Henze; compositores Rogério Duprat e Miguel Oniga; críticos Henry Segura (Uruguai), Ivan Cavalcanti Proença, Jairo Arco e Flexa, Pola Vartuck, Edmar Pereira; jornalistas Léa Penteado, Salviano Cavalcanti de Paiva, Justino Martins, Hildegarde Angel, Maria do Rosário Caetano, Jairo Ferreira, Tarso de Castro; Leandro Tocantins, representando a Embrafilme; Maurício Arcoverde, representando a Funarte.

O VII Festival do Cinema Brasileiro de Gramado foi promovido pela Prefeitura Municipal da cidade e pela Companhia Jornalística Caldas Júnior (Porto Alegre), com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, através da Embrafilme, da Funarte e da DAC (Divisão de Assuntos Culturais); da Embratur; do Governo do Rio Grande do Sul, através das Secretarias de Turismo e de Educação e Cultura, pelo seu Departamento de Assuntos Culturais (DAC-SEC); da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul; da Varig-Cruzeiro; da Caixa Econômica Estadual-RS; e da Casa Masson. A Comissão Coordenadora teve como Presidente o jornalista P. F. Gastal e como Secretário-Executivo Esdras Cardoso Rubim, Secretário de Turismo de Gramado.

OS FILMES E A CRÍTICA

Inquietações de uma Mulher Casada

"*Inquietações de uma Mulher Casada* é a descoberta de um Alberto Salvá de surpreendente maturidade. Cineasta de altos e baixos, realizador de um filme muito falado, mas nunca exibido no Rio Grande do Sul *(Um Homem Sem Importância)*, Alberto Salvá em *Inquietações de uma Mulher Casada* consegue superar as deficiências de roteiro existentes em *Ana, a Libertina* e ritmo narrativo extremamente dispersivo de *Maníacos Eróticos*. (. . .)

Luiza, o personagem central, começa o filme contemplando a sua imagem refletida no espelho do banheiro de sua casa; o filme conclui com a mesma imagem, mas numa situação diversa, também num banheiro, mas de uma estação de serviço, à margem de uma auto-estrada. A condição de Luiza, da primeira à última imagem do filme, é analisada com câmara microscópica por Alberto Salvá, que não descuida também de apresentar o outro lado da moeda, ou seja, o ponto de vista de Luís Antônio, o marido de Luiza. (. . .)

Extremamente seguro em manipular seus personagens, Alberto Salvá constrói um filme em que as intenções não vão surgir por signos, mas através de pequenos incidentes que cercam a tentativa de saída do Rio de Janeiro de Luiza e seu marido Luís Antônio." (Tuio Becker, *Folha da Manhã*, RS, 23/1/79)

"Certamente está na coerência das personagens e na autenticidade dos diálogos o acerto maior do longa-metragem de Alberto Salvá, *Inquietações de uma Mulher Casada*. É essa convincente recriação do cotidiano de um casal de classe média carioca e, por tabela, da classe média urbana brasileira, que torna *Inquietações de uma Mulher Casada* — muito longe de ser obra de exceção — um filme que merece ser visto e discutido. (. . .)

Apesar da banalidade de sua construção cinematográfica — ainda que correta — (o filme) se impõe pela sinceridade com

que Salvá olha seus desesperados personagens. Otávio Augusto é perfeito como o marido de Denise, e Denise defende com dignidade o papel que lhe cabe, mesmo não reeditando seus melhores momentos de atriz." (Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo,* RS, 24/1/79)

"Salvá tenta fazer uma radiografia do casamento burguês com alguma argúcia, bons diálogos e um acúmulo de bem observados detalhes sobre o relacionamento entre homem e mulher em processo de desagregação. O melhor deste filme, que lembrará vagamente *Mar de Rosas,* de Ana Carolina, sem a sua crueldade, entretanto, é seu ator principal Otávio Augusto (provavelmente a mais bem elaborada interpretação masculina do festival), e o roteiro de razoável fluência. Mas o diretor leva tempo demais para concluir sua história, e conclui muito mal. Uma novidade: o personagem interpretado por Nuno Leal Maia, amigo de juventude da heroína (Denise Bandeira), é um ex-militante político dos idos de 68 que refaz sua vida após cumprir pena por subversão. Essa é a primeira vez que o cinema brasileiro toca, embora muito discretamente, num filão que será certamente mais rico na medida em que se possa analisar na tela nossa história recente." (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde,* SP, 3/2/79)

Raoni

"*Raoni* surge como uma experiência nova — inédita, até — no campo da cinematografia brasileira: um documentário de longa metragem que mostra, não o ufanismo oficial (de resto em crise), nem a lamúria dos marginalizados, mas a sede de justiça e a vontade de todo um povo em lutar contra o extermínio, em lutar para viver segundo seus próprios padrões. E isto sob a égide de uma sociedade que, por se julgar *superior,* teima em *integrá-lo* em seu esquema para que, nele, todo este povo se marginalize.

Bonito é que *Raoni* faz toda essa denúncia sem ser um filme panfletário. Se agride o espectador, é pela beleza da vida selvagem dos mekronoti, grupo txucarra-

Melhor Filme: Raoni, *de Jean Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha.*

mãe, em contraponto às pressões de nossa sociedade cada vez mais desumana. (. . .)

Mesmo assim, muita gente saiu durante a sessão. Perguntei a alguns por quê. Responderam que não estão preocupados com o problema do índio, e, curiosamente, dois deles (falei com três) disseram que estão muito interessados em filmes como *Os Mucker,* que, esperam, seja um filme de "denúncia social". Parece incrível, mas o que esta gente não compreende é que a raiz dos problemas dos mekronoti ou dos mucker está muito próxima. Com uma diferença: os mucker pertencem ao passado, e os índios são todo um povo que ainda está lutando para sobreviver nesta guerra desigual contra uma civilização selvagem e violenta, que é a nossa. Realmente, é mais fácil se interessar pelo passado. Talvez seja mais fácil, também, para nós, interessarmonos mais por cabelos loiros do que por peles vermelhas. No fundo, tudo não passa de uma mesma estrutura de intolerância e prepotência." (Ney Gastal, *Correio do Povo,* RS, 26/1/79)

"No debate sobre seu filme, o co-diretor (com Jean Pierre Dutilleux) e fotógrafo Luiz Carlos Saldanha garantiu estar propondo uma maneira ocidental de pensar, que considera o apocalipse como inevitável. Para Saldanha, Raoni, cacique da ameaçada tribo Mekronoti que procura todas as raças indígenas do Xingu em sua luta contra o homem branco, vai vencer, seu pensamento permanecerá, assim como seus valores. Quando um participante queixou-se de que o filme deveria ter legendas, pois a gravação do som direto e sobretudo o modo arrevezado de Raoni falar tornava quase impossível a compreensão do seu discurso, o diretor foi fulminante:" Traduzir em letreiros o modo de falar do índio é extremamente difícil. Além disso, esta maneira de ver o mundo que estou propondo inclui principalmente a exigência de que reabramos nossos ouvidos, pois Raoni fala a mesma língua nossa, em sua versão cabocla. Se não aceitamos ouvir sua fala, estaremos caindo nas malhas e signos do sistema, continuando a ver e ouvir da nossa maneira errada." Brilhante, claro — uma postura bonita. Que não chega a ser comprometida, mas é várias vezes arranhada pelo próprio cineasta. Como nas seqüências em que, para obter efeitos mais espetaculares, exigiu que índios aculturados tirassem seus calções no momento de serem filmados. Mesmo assim, *Raoni* resiste como um belo filme, extremamente bem fotografado e ainda ornamentado por uma belíssima trilha sonora de Egberto Gismonti, que criou sua música sobre o canto dos índios. Belíssima, mas como os próprios índios fazem seu som, um dispensável enfeite." (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde,* SP 3/2/79)

Diário da Província

"Através de uma história situada num passado histórico, Roberto Palmari busca relações com o presente da sociedade brasileira. O mesmo ocorrera com *Doramundo,* de João Batista de Andrade, premiado em Gramado no ano passado. Tanto num quanto noutro filme os méritos da produção (atores, fotografia, cenografia, música) são maiores — e também mais impressionantes — do que aquilo que as imagens do filme transmitem aos espectadores durante a projeção. O que se vê na tela é uma recuperação da memória nacional (como bem definiu o cineasta), num filme em que a crônica histórica toma quase sempre o lugar da pretendida reflexão política." (Tuio Becker, *Folha da Manhã,* RS, 25/1/79)

"Existem quatro ações paralelas: a história de um homem ambicioso pelo poder; a decadência de uma aristocrática família do café; a ascensão de uma família de imigrantes e a luta de um jornalista liberal que, através de um pequeno jornal, denuncia as falcatruas políticas. O período de ação, entre 1929/35, mostra o crescente prestígio do integralismo, o nascimento do Estado Novo.

O entusiasmo de Palmari ao abordar um tema tão fascinante fez com que deixasse alguns dos personagens sem o aprofundamento necessário, em função de outros. É um José Lewgoy vivendo o homem ambicioso que muda para permanecer, onde o realizador se fixa com mais precisão, deixando os que os cercam sem serem devidamente explorados. Isto torna o filme frustrante, pois algo que se espera nunca acontece. O resultado é uma obra de efeito,

bem cuidada em sua realização, com perfeita reconstituição de época, mas com inúmeras cenas totalmente dispensáveis." (Decio Presser, *Folha da Tarde,* RS, 25/1/79)

"Perdoem, mas gostei de *Diário da Província.* E confesso que até agora não entendi as reações emocionais, algumas beirando à histeria, de pequena parcela dessa inquieta e fascinante fauna cinematográfica que "detestou até a morte" o filme de Roberto Palmari. Por certo *Diário da Província* é um projeto ambicioso. Ou melhor, parece pretensioso para nós, brasileiros, que nos acostumamos com a idéia de que somente gente de outros países tem capacidade e condições de dissecar no cinema, em escassos 90 minutos, largo e agitado período da história. Calma lá, minha gente, que não estou afirmando estar diante de uma obra-prima. A rigor, *Diário da Província* paga tributo à coragem de Palmari. Ao condensar as transformações sociais e políticas dos anos 30 — certamente os mais agitados da recente história brasileira — cometeu omissões e um ou outro exagero. Reparos que não invalidam a proposta e mesmo o resultado de seu filme." (Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo,* RS, 26/1/79)

"Diferente, na sua rebuscada preocupação formal, dos padrões visualmente despojados da produção normal do cinema brasileiro. Roberto Palmari, cineasta formado na confecção de comerciais, premiado em Gramado com seu filme de estréia, *O Predileto,* pretende narrar a trajetória de um arrivista político desde a crise do café em 1929 até o advento do Estado Novo. Uma narrativa fragmentada, feita à base de monólogos, que toca episódios importantes apenas superficialmente, como o advento da Aliança Liberal em 1930, a Revolução de 32, o surgimento do integralismo. A corrupção do arrivista é contraponteada, com igual maniqueísmo, pela incorruptibilidade de um jornalista liberal. E pela decadência de uma família da aristocracia cafeeira e a ascensão de uma família de imigrantes italianos. Palmari não chega a construir o pretendido painel, antes cria módulos isolados.

Debate sobre Diário da Província *e* Associação dos Moradores de Guararapes.

E, quando não coloca em primeiro plano sua obsessiva preocupação pelo visual, consegue construir seqüências bonitas, como a elíptica revelação do suicídio do pai de sua heroína (Paula Ribeiro) ou a dor do pai camponês pela morte do filho. A fotografia de Geraldo Gabriel, embora de alta qualidade técnica, é óbvia demais em sua preocupação de ser bonita. E a cenografia — isoladamente um trabalho criativo e requintadíssimo — de Cecília Vicente de Azevedo (uma das unanimidades do público gramadense para o Kikito) acaba se tornando mais importante do que o filme. Desequilíbrio que nem a correta edição de Jeremias M. Filho consegue atenuar. O melhor de *Diário da Província* são suas interpretações masculinas, que vão da boa caracterização de José Lewgoy como o político corrupto às excelentes criações de Gianfrancesco Guarnieri (o incorruptível jornalista), prêmio de melhor coadjuvante, e, principalmente, Átila Iório e Rodrigo Santiago (respectivamente o pai e o filho imigrantes)." (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde*, SP, 3/2/79)

A Volta do Filho Pródigo

"A grande surpresa dos filmes inscritos para concorrerem ao Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, *A Volta do Filho Pródigo*, estréia no longa-metragem de ficção de Ipojuca Pontes, é um filme de secreto encanto. Mostrando segurança e inventividade na manipulação de um tema comum — o *filme de estrada* — Ipojuca Pontes dota seu trabalho de uma latente tragicidade. O desencanto de Antônio Maria, o personagem central, com a cidade grande, o Rio de Janeiro, e sua volta para Sergipe em busca do seu passado perdido, têm sempre conotações realistas que dão a todo o filme um clima de áspera poesia, nem sempre perceptível a uma análise mais apressada.

Reflexionando o problema das migrações internas do País, um tema raro na atualidade do cinema brasileiro, Ipojuca Pontes vai mais além do semidocumentário que seria de se esperar de um cineasta com a sua formação de curta-metragista *(Rendeiras do Nordeste, Os Homens do Caranguejo). A Volta do Filho Pródigo* realiza com rara felicidade um aprofundamento na psicologia de seus personagens, tornando-os seres vivos, de carne e osso, e não simples estereótipos como mais freqüentemente se observa nos filmes da última e pouco feliz fase do cinema brasileiro.

Mostrando a constância do ciclo das migrações — depois de Antônio Maria regressar à sua casa de forma definitiva, outro rapaz pega carona rumo ao Rio de Janeiro, ao sul-maravilha — Ipojuca Pontes faz um filme que, segundo o próprio cineasta, "não representa profissão de fé na derrota; ao contrário, reconhece a queda mas não desanima". Com roteiro de Ipojuca Pontes, com a colaboração de Zevi Ghivelder, *A Volta do Filho Pródigo* representa também em si, como filme, mais uma tentativa na persistência pela afirmação de um — pode-se dizer — *estilo cinematográfico* que fecha (em fundo e forma) com *Perdida*, de Carlos Alberto Prates Correia, e *Crueldade Mortal*, de Luís Paulino dos Santos." (Tuio Becker, *Folha da Manhã*, RS, 26/1/79)

"*A Volta do Filho Pródigo* é seco e despojado como seus personagens, a aridez da terra se transfere ao coração dos homens. Ainda que Ipojuca ame seus personagens, em nenhum momento os idealiza ou lhes livra a cara. Antônio mata para viver. Ceará e seus companheiros de quadrilha buscam na alternativa suicida da violência a saída que não existe em lugar algum. O sertanejo que conseguiu um caminhão-transporte vende seus irmãos como escravos às grandes fazendas do centro-oeste . . . Em traços gerais, essa é a tese de *A Volta do Filho Pródigo*, fábula de final infeliz, que fala de homens que se devoram para sobreviver e que são devorados por um sistema que os faz andar às tontas como moscas presas em caixas de vidro. (. . .)

Dilma Lóes e Helber Rangel constróem seus personagens com comovida ternura, mas sem risos, sem concessões. Todo o sarcasmo que Ipojuca se permite é concentrado no título que promete terras fartas e o sacrifício de um cordeiro em regozijo pelo filho que volta, quando na verdade é ele próprio o imolado.

GRAMADO 79

A Volta do Filho Pródigo é um grande filme. Proposta de novos conceitos de cinema e de linguagem? Não sei, nem quero saber. O que me importa é que narra, com digna coerência, o calvário de milhares de brasileiros. E isso é tudo que peço de filmes que se propõem a conversar sobre nossas coisas." (Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo*, RS, 27/1/79)

"Uma história das desesperantes migrações internas, contada ao contrário e com ingenuidade às vezes cativante. O personagem principal é um nordestino que deixa o Rio após matar a amante e volta para casa. Uma trajetória inversa do habitual, extremamente bem interpretada (por Helber Rangel e Dilma Lóes, prêmios de melhor ator — embora dublado por Stepan Nercessian — e melhor coadjuvante) e narrada de maneira quase primária. Também um filme de fuga, um filme de estrada. Sua tosca poesia só não resiste ao grotesco *grand-guignol* final e muito menos à dispensável seqüência depois dele. Outro mérito do filme: a música de Marcus Vinicius, injustamente esquecida na premiação." (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde*, SP, 3/2/79)

Os Mucker

"Talvez o filme mais aguardado do festival, por tratar de um assunto da história do Rio Grande do Sul, *Os Mucker*, de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, dá seqüência às experiências de linguagem de Bodanzky, iniciadas em parceria com Orlando Senna em *Iracema* e *Gitirana, o Brasil É Meu Mundo*, já exibidos no exterior mas ainda inéditos no País. Dentro da mesma linha de neo-documentarismo, Orlando Senna apresentou no festival no ano passado o seu *Diamante Bruto*, em que à audaciosa proposta de linguagem cinematográfica não correspondia uma abordagem temática de igual vigor.

Tratando de um incidente quase esquecido do passado histórico do nosso Estado, a destruição, pelas tropas regulares do exército imperial, de uma comunidade de beatos existente no morro do Ferrabrás, nas imediações das cidades de Sapiranga e São Leopoldo, *Os Mucker* lança um pouco de luz sobre os reflexos da política liberal de minorias do Imperador D. Pedro II, que permitiu o funcionamento da Colônia Cecília, no Paraná; e teve também ressonância na formação de Canudos, no interior da Bahia. Unindo ensinamentos religiosos a práticas socialistas, um grupo de imigrantes alemães da região do Hunsrueck reuniu-se em torno de uma líder, a medium Jacobina Mentz. (. . .)

Obra de exceção, o filme de Bodanzky e Gauer, entretanto, não vai muito além da documentação do incidente histórico. Os personagens são bastante esquematizados e mesmo Jacobina Mentz, que se prestava para uma profunda criação dramática, é recriada com frieza e secura por Marlise Saueressig, um físico e um talento apropriados. Alguns coadjuvantes, como Thelmo Lauro Müller (o delegado) e especialmente Sigurd Schinke (Klein), se destacam pela propriedade e desembaraço com que se desincumbem de seus papéis, que alcançam relevo graças aos dotes de espontaneidade e presença física dos atores não profissionais." (Tuio Becker, *Folha da Manhã*, RS, 27/1/79)

"*Os Mucker* só não entusiasmou aos que esperavam, talvez, amparados nas lendas macabras e fantásticas que cercam a figura de Jacobina Mentz, incríveis banhos de sangue e orgias para filme pornô nenhum botar defeito. (. . .)

A intenção de *Os Mucker*, logrado de ponta a ponta, é exatamente lançar um pouco de luz sobre as causas desse sangrento, e ainda não digerido, episódio da história do Rio Grande do Sul. (. . .)

Os Mucker é despojado ao limite, cada seqüência cumpre seu papel de pedaço de um quebra-cabeças armado lentamente ao longo dos cento e cinco minutos da fita. Mas a espera compensa. As arestas, por mais sinuosas que possam parecer, se encaixam e o desenho final emerge nítido e esclarecedor. (. . .)

A direção de ator é segura e Bodanzky-Gauer conseguem resultados muito bons

dirigindo amadores. Marlise — uma das poucas profissionais do elenco — é perfeita como Jacobina." (Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo*, RS, 28/1/79)

"A mais nítida e bem elaborada proposta cinematográfica do festival. Jorge Bodanzky e Wolf Gauer procuram fazer uma interpretação e não uma reconstituição da revolta dos Mucker, uma espécie de Canudos do Sul. Quase completamente rodado no dialeto *hunsrueck*, que no Brasil foi preservado em toda sua pureza, o filme é interpretado pelos próprios descendentes mucker. Nessa proposta de filme histórico — não confundir com *Independência ou Morte*, *Anchieta* ou *Guararapes* — os dois cineastas utilizam-se de um caso particular para revelarem uma realidade social, detectando os mecanismos e relações que manipulam o medo, os preconceitos e fazem explodir a violência no interesse do sistema. Simples, despojado, exato, com uma reconstituição impecável de época e atmosfera (figurinos e objetos foram cedidos à produção pelos próprios participantes), *Os Mucker* recusa qualquer apelo ao espetacular e ao superdramático. A emoção de quem se aproximar deste sóbrio documento só será possível após a reflexão, o entendimento do que está sendo mostrado. O equilíbrio perfeito de todos os setores da produção só fica ameaçado quando surgem em cena, em execráveis participações, os intérpretes profissionais Paulo César Pereio e José Lewgoy. Todo o resto é do mais alto requinte técnico, desde o som direto de Ismael Cordeiro (substituindo a música) à impecável fotografia de Bodanzky (a melhor entre todos os filmes apresentados), passando pelas interpretações de dezenas de não profissionais. Tudo se integra de forma exata, inclusive a força dramática de Marlise Saueressig como Jacobina Mentz, justa e unanimemente votada como a melhor atriz de Gramado/79. A proposta de Bodanzky e Gauer pôde ser complementada com clareza através da exibição privada do proibido e igualmente magnífico *Iracema*. Novamente a preocupação de se registrar a vida de uma comunidade, o rastro do homem sobre a terra, sua dor, sua sabedoria, sua violência e injustiça. *Os Mucker* é um filme que dignifica qualquer festival. Ou qualquer cinema." (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde*, SP, 3/2/79)

Associação dos Moradores de Guararapes

"*Associação dos Moradores de Guararapes* serve, para a quase totalidade do público, como inesperada revelação de experiência levada a efeito numa favela carioca. Reunidos em associação desde 1960, os favelados opuseram resistência ao programa governamental de deslocamento dos bairros aos distantes subúrbios do Grande Rio. Em 1967, compraram a terra onde a favela está instalada com numerário proveniente de uma coleta entre todos os moradores. Agora, 1978/1979, estão empenhados em conseguir do BNH, do FGTS, do PIS-PASEP e de outros fundos oficiais a parcela que lhes cabe para realizar — em conjunto e de forma racional — a urbanização da favela.

Quem narra as etapas dessa experiência é Cláudio de Moraes, líder dos favelados. Durante os 10 minutos do filme, Sérgio Péo — diretor e autor do argumento — fixa a câmara no rosto de Cláudio, desviando-se por segundos para flagrar cenas da favela e situá-la para o público na geografia da cidade.

Quando se sabe que existe a obrigatoriedade legal da exibição de curtas junto com filmes estrangeiros, se fica torcendo para que *Associação dos Moradores de Guararapes* entre logo em cartaz, em todos os lugares do Brasil. Mesmo que não seja visto pela gente dos nossos mocambos, alagados e afins — esse pessoal não tem dinheiro nem para comer — o filme de Sérgio Péo serve para mostrar ao público de cinema — no Brasil, a classe média — uma coisa óbvia: são dos diretamente interessados que devem e podem partir as melhores soluções." (Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo*, RS, 26/1/79)

Litoral

"Nos escassos 13 minutos de *Litoral* — que passam num instante — Ruy Solberg documenta uma das mais belas paisagens brasileiras, a do litoral sul-fluminense, e fotografa a terra e o homem igualmente amea-

GRAMADO 79

çados pela deformação e pela morte que lhes impõe, num ritmo acelerado e impune, a cobiça imobiliária e o interesse imediato e predatório de grandes corporações nacionais e mesmo estrangeiras.

Quem toma a palavra em *Litoral* são os escorraçados pescadores e agricultores da paradisíaca região de Trindade, que sofrem todos os tipos de pressões e de chantagem para entregar suas escassas terras à sanha dos depredadores. *Litoral* nos comove pela sinceridade e pela coerência dos depoimentos, como o de um velho pescador que resistiu — com medo, confessa — às pressões de um grupo japonês e não vendeu seus minguados pertences (dos quais, registra-se, retira a sua sobrevivência e dos seus). Eu não consigo entender — diz o velho, rosto sulcado pelo vento e pelo sol — por que a gente, que é brasileiro e que nasceu aqui, tem que entregar essa terra aos estrangeiros." (Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo*, RS, 25/1/79)

Porto Alegre, Adeus

"Irônico, sarcástico, vez ou outra debochado, mas sempre inteligente, *Porto Alegre, Adeus* é a grata surpresa entre os filmes gaúchos presentes a este VII Festival do Cinema Brasileiro de Gramado.

Valendo-se de um texto bem humorado e de fotos e filmes antigos, Antônio Jesus Pfeil goza alguns dos costumes da Província e deplora a rápida e impune descaracterização arquitetônica da cidade.

O câmbio dos costumes — trocados para pior — também entra na dança. Cafés com mesas de mármore, nem tão distantes no tempo, foram transformados em cocheiras de acrílico e fórmica (semelhança que Jesus lembra, colocando relinchos na trilha sonora, quando as imagens mostram lanchonetes da Rua da Praia), e por aí afora.

Endereçado a Glauber Rocha e narrado em ritmo de locução esportiva, *Porto Alegre, Adeus* indaga onde ficou a dignidade gaúcha, "pois invadiram o Rio Grande para levar gente daqui e até agora ninguém foi degolado", aponta o ridículo dos personagens da *Maré Vermelha* e encontra tempo para lembrar a Mário Quintana, a quem chama de *Poeta Maior*, que seu quarto e suas coisas também podem desaparecer numa cidade que parece ter perdido a compostura. No entanto, *Porto Alegre, Adeus*, com toda a sua irreverência, nada mais é que um canto de amor, dor de cotovelo de quem vê sumir o objeto de sua ternura." (*Correio do Povo*, RS, 27/1/79)

"Entre os concorrentes gaúchos, o único realizado com inteligência, sensibilidade e, mais importante, com intimidade com os meios de expressão cinematográfica, foi *Porto Alegre, Adeus*, de Jesus Pfeil. Um irônico, atrevido e muito amargo contraponto entre uma bela cidade que desaparece e a ambição, a vulgaridade e a violência que irão substituí-la. Pfeil poderia perfeitamente dispensar o paternalismo regionalista, que reuniu os gaúchos num grupo só, para concorrer em igualdade de condições com os realizadores dos outros Estados. Ele realizou *Porto Alegre, Adeus* a partir de uma carta escrita a Glauber Rocha comentando a destruição não apenas de sua cidade como do próprio espírito gauchesco. Um belo e certeiro protesto." (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde*, SP, 3/2/79)

(Reportagem de José Haroldo Pereira. Fotos de Thereza Schlaepfer).